

A formação psicanalítica em Minas Gerais: instauração, consolidação e disputas pela hegemonia

Psychoanalytic training in Minas Gerais: establishment, consolidation and disputes over hegemony

Fuad Kyrillos Neto

 <https://orcid.org/0000-0001-8071-0907>

Laura Resende Moreira

 <https://orcid.org/0000-0002-2275-6568>

Rodolfo Rodrigues Machado

 <https://orcid.org/0000-0002-5239-9426>

Thales Fonseca

 <https://orcid.org/0000-0001-5498-5317>

Igor Cerri

 <https://orcid.org/0000-0003-0456-878X>

Amanda Rangel Reis

 <https://orcid.org/0000-0001-5977-5562>

Universidade Federal de São João del-Rei
Brasil

Resumo

O manuscrito tem como objetivo refletir sobre a instauração e a institucionalização da psicanálise em Minas Gerais num recorte que privilegia as relações entre as instituições psicanalíticas e a universidade. Como metodologia, foi adotado um viés historiográfico enodando as pressuposições da psicanálise em extensão que privilegiam as incursões da psicanálise no meio social. Além de artigos, visitas em *websites*, redes sociais de instituições psicanalíticas e documentos recolhidos em instituições de psicanálise, desenvolvemos entrevistas com psicanalistas que participaram da formação das primeiras instituições em Minas Gerais, as quais foram analisadas considerando os postulados da micro-história. Este trabalho nos permitiu fazer um mapeamento das instituições psicanalíticas em solo mineiro, apresentando suas fronteiras de tensão. Concluímos que, em continuidade histórica entre a chegada da psicanálise no Estado e a tendência expansionista das instituições formadoras, a universidade segue como lócus estratégico de disputas para a difusão da psicanálise.

Palavras-chaves: instituições psicanalíticas; psicanálise e política; história da psicanálise.

Abstract

This manuscript aims to reflect on the establishment and institutionalization of psychoanalysis in Minas Gerais, with an emphasis on the relationship between psychoanalytic institutions and the university. The methodology adopted was a historiographical approach, weaving the presuppositions of psychoanalysis to the extent that it privileges the incursions of psychoanalysis into the social environment. In addition to papers, visits to websites, social media of psychoanalytic institutions and documents collected from psychoanalytic institutions, we conducted interviews with psychoanalysts who participated in the formation of the first institutions in Minas Gerais, which were analyzed considering the postulates of microhistory. This work allowed us to map psychoanalytic institutions

in Minas Gerais, showing their boundaries of tension. We conclude that, in the historical continuity between the arrival of psychoanalysis in the state and the expansionist tendency of training institutions, the university continues to be a strategic locus of disputes for the dissemination of psychoanalysis.

Keywords: psychoanalytic institutions; psychoanalysis and politics; history of psychoanalysis.

No Brasil, a psicanálise está implantada nos mais importantes centros urbanos e conta com mais de uma centena de instituições. Em conformidade com o cenário nacional, o estado de Minas Gerais possui um significativo número de instituições voltadas para a transmissão da psicanálise¹. O discurso da psicanálise convive e concorre com outros discursos nas instituições e na sociedade. Contudo, frequentemente, nos círculos psicanalíticos, é atribuída pouca relevância ao jogo político institucional. No afã de discutir fenômenos recorrentes em nossa sociedade, como a medicalização, o crescimento avassalador dos diagnósticos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o autismo, além de defender a doutrina psicanalítica das constantes investidas das correntes cognitivas e comportamentais, acabam por reproduzir, de maneira acrítica, os dogmas das instituições psicanalíticas às quais muitos são filiados.

Neste manuscrito²³ambicionamos refletir sobre a institucionalização da psicanálise em Minas Gerais num recorte que privilegia as relações entre as instituições psicanalíticas e a universidade num viés historiográfico. Cientes da antinomia entre psicanálise e historiografia, assimilamos a proposta de escrita da história da psicanálise, elaborada por Mayer (2021), de inscrever a psicanálise num programa de epistemologia das ciências humanas combinada com uma sociologia do movimento psicanalítico. Na esteira desse autor, consideramos que essa proposta nos permite “elucidar a gênese dos conceitos e métodos freudianos, abandonando as abordagens historiográficas que apelavam ao ‘contexto’ com um olhar redutor” (p. 365). Assim sendo, a abordagem historiográfica possibilita a apreensão da psicanálise em uma configuração social instável em contraposição a um coletivo solidificado e enrijecido, algo que se aproxima de um movimento psicanalítico. Por isso, optamos, neste artigo, por pensar a política entre instituições psicanalíticas por meio do conceito de hegemonia, tal como postulado por Laclau e Mouffe (1987), em que a teoria psicanalítica é assimilada, em constante tensão com o marxismo, para se pensar a lógica de formação do espaço social em um cenário marcado por uma fragmentação original que exige um esforço de articulação política capaz de dotar as disputas históricas de sentido e constituir posições determinadas. Aqui, concordamos com Jacques Le Goff (1994) que resgatar a história só faz sentido se ela

¹ Para um levantamento detalhado e interativo acerca da presença de instituições psicanalíticas e universitárias em Minas Gerais, remetemos o leitor ao endereço www.gihpp.com.br.

² Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). CAAE-44801121.5.0000.5151

³ A pesquisa conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), processo (removido para avaliação cega).

puder servir ao presente e ao futuro no seu compromisso com a verdade.

Para procedermos a esta discussão, consideramos a psicanálise em seu caráter de extensão, ou seja, a psicanálise em suas incursões no mundo. Esse método é profícuo para nossa investigação, uma vez que coloca o pesquisador no lugar de analisante e, dessa forma, o material estudado será analisado como um conjunto de enunciados que posteriormente receberão a enunciação do analisante a partir de algumas características propostas por Dunker (2013): recordação, um discurso que se possa guiar pela história e pelas filiações e contingências que ela implica; implicação, um discurso que possa se interrogar eticamente sobre as formações de estranhamento que encontra; e transferência, um discurso que se conecte com a teoria psicanalítica. Esse método de trabalho se articula a uma pesquisa teórica no campo da história da psicanálise.

Além de artigos, visitas em sítios e redes sociais de instituições psicanalíticas e documentos recolhidos em instituições de psicanálise, desenvolvemos entrevistas com psicanalistas que participaram da formação das primeiras instituições de psicanálise em Minas Gerais. Essas entrevistas tomaram a forma de narrativas, sendo, portanto, não estruturadas. Desse modo, essa modalidade de entrevista nos permitiu o aprofundamento de aspectos específicos da instauração das primeiras instituições psicanalíticas bem como o entrecruzamento desses eventos com a vida dos entrevistados.

Para a análise desse material, recorremos a Certeau (2020), que, influenciado pela própria psicanálise, considera o discurso historiográfico como uma mistura entre ciência e ficção, um entremeio que reconhece o passado dentro do presente, ou seja, concebe essa relação a partir do “modelo da imbricação (um no lugar do outro), da repetição (um reproduz o outro sob uma forma diferente), do equívoco e do quiproquó (o que está no lugar de quê? Há por toda parte jogos de máscaras, de reviravolta e de ambiguidade)” (p. 73). Ele assevera que o fazer historiográfico é a encenação plausível de uma efetividade. Nessa encenação, a realidade representada eclipsa por detrás da representação de passado, da organização social e da técnica que a produz. A conexão criada pelos procedimentos de análise do historiador gera uma tradição, algo que passou e, ao mesmo tempo, permanecerá. A historiografia tem, usualmente, como função ser uma decisão que confere voz a uma grupalidade ao ligar a cultura de um tempo àquilo que não é corrigível ou suscetível de intervenção pela tecnicidade. A fundação e a circunscrição do passado são um corte pelo qual um poder (político, social ou científico) pode entender sua exterioridade. Assim, a efetividade do passado é fornecida por intermédio da linguagem.

Acerca da linguagem, a perspectiva lacaniana nos permite inferir que a linguagem não diz tudo, porém nos fornece indícios do que deixou de ser dito. Lacan (1953/1998), em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, define o inconsciente como “[...] o discurso concreto, como campo da realidade transin-

dividual do sujeito; suas operações que são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real” (p. 259). Inclusive nos sintomas, esses indícios possuem uma estrutura linguística: “Contudo, não é necessária a estrutura desta gênese para que a estrutura do sintoma seja demonstrada. Decifrada ela é patente e mostra, impressa na carne, a onipotência que tem para o ser humano a função simbólica” (Lacan, 1955/1998, p. 416). Disso, podemos depreender, acerca das relações entre inconsciente e linguagem, que o inconsciente sempre se manifesta de algum modo, de forma imperiosa, e que ele pode ser decifrado, pois se estrutura como uma linguagem.

As proposições lacanianas nos permitem uma aproximação com a micro-história. Num território próximo e complementar da história cultural e das sensibilidades, a micro-história quer também ser uma abordagem pluridisciplinar (sociologia, antropologia ou história) e aberta ao diálogo com outros campos do conhecimento. A micro-história tem como objetivo principal, por intermédio de um extenso estudo documental, a observação de componentes diminutos no interior das relações sociais e tem como fundamentos a busca pela diminuição da escala de observação e a análise do objeto pesquisado, nomeado por Ginzburg (2007) de paradigma indiciário: “[...] reduzir a escala de observação queria dizer transformar num livro aquilo que, para outro estudioso, poderia ter sido uma simples nota de rodapé numa hipotética monografia” (p. 265). Essa ferramenta de trabalho permite ao pesquisador propor uma nova forma de abordagem dos problemas históricos de modo que a dimensão do micro, do singular, seja colocada como fulcral.

Essa forma de trabalho evidencia o que foi ignorado devido a uma aparente insignificância. Trata-se de uma leitura que busca acuidades, aquilo que está tacitamente encoberto. Temos, aqui, uma analogia com a práxis psicanalítica que se fixa nos sonhos e atos falhos dos analisandos como forma de acessar os conteúdos inconscientes recalcados, causadores de sintomas.

Nesses termos, os diálogos de Certeau e Ginzburg com a teoria psicanalítica nos levam a um ponto crucial de nosso argumento. Como pesquisadores atravessados pelas questões de nosso tempo, voltamos ao sistema de arquivos que nos é contemporâneo, procedendo a recortes específicos que tais questões requerem, com o intuito de arranjar, com o auxílio do imaginário, o discurso referente à institucionalização da psicanálise em Minas Gerais em suas relações com as universidades.

As primeiras instituições: a psicanálise batizada *versus* padrão IPA

Embora desde 1925 tivéssemos publicações de psicanálise em Minas Gerais, apenas em 1963, com a chegada de Malomar Lund Edelweiss, a psicanálise se institucionalizou, adotando coordenadas distintas daquelas propostas pela International Psychoanalytical Association [IPA] (Santos & Kyrillos Neto, 2017). A escolha de Malomar para se radicar em Belo Horizonte não foi sem motivos. Sua formação em psicanálise foi realizada de modo pouco habitual no contexto da psicanálise

brasileira. Formado em teologia, direito e filosofia, ele era padre e foi diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas em 1952. Alguns anos mais tarde, foi a Viena e se aproximou de Igor Caruso, que havia rompido com a perspectiva de formação em psicanálise oferecida pela IPA para buscar uma aproximação da psicanálise com uma filosofia antropológica de bases cristãs (Santos, 2017).

Tal escolha deixa explícito que os primeiros tempos da psicanálise em Minas Gerais, até a criação de sua primeira instituição, foi fortemente influenciada pelas referências religiosas presentes na cultura mineira. A psicanálise era lida pela igreja católica como uma doutrina pansexualista. Por isso, ela se posicionou frontalmente contra as ideias freudianas. A instituição religiosa se posicionou contrariamente não apenas à noção de pansexualismo, mas também às ideias desenvolvidas por Freud a partir de "Totem e Tabu". Desse modo, os religiosos foram a principal oposição à chegada das ideias psicanalíticas no estado. O laço possível para a institucionalização da psicanálise foi um padre e psicanalista com uma formação que articulava Freud e os princípios do existencialismo cristão (Santos & Kyrillos Neto, 2017).

Santos (2016) considera esse arranjo uma solução de compromisso. Essa noção, de extração clínica, tal como destacam Laplanche e Pontalis (2004), se refere à possibilidade de satisfação de forças antagônicas, as exigências defensivas e o desejo do inconsciente, pela via de uma formação que é atravessada por ambas as exigências. Nas palavras do pesquisador:

(...) desta constante tensão entre a psicanálise e a tradição religiosa, pareceu-nos possível que a chegada e o rápido crescimento de uma instituição fundada em bases cristãs se constituíram como uma solução de compromisso de grande valor para ambos os campos: a possibilidade de formação em psicanálise no Estado, mas a partir de uma leitura palatável ao catolicismo, tão caro à sociedade mineira (Santos, 2016, p. 13).

Assim, a religião católica exerceu uma forte influência sobre a chegada e o posterior trajeto da psicanálise em Minas Gerais, dando-lhe um caráter peculiar em relação a outros estados. Porém, essa solução não satisfaz todos aqueles que se interessavam pela psicanálise. Salim (2010) nos relata o que ele chama de "saga" para a formação do Núcleo Psicanalítico de Belo Horizonte, reconhecido pela IPA em 1993, ainda assim, sob a coordenação da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. A narrativa da "saga" nos traz alguns elementos importantes para refletirmos acerca da rede de relações utilizadas para a instauração de uma instituição psicanalítica ipeísta em Minas Gerais. Um precursor da psicanálise no estado afirma:

integrantes da IPA ... portanto com toda aquela ... exigência da IPA ... análise três quatro vezes por semana ... supervisão com didata ... cursos ... não é isso? Que evidentemente demandava muito tempo e muito dinheiro... e a demanda pela psicanálise era muito elevada então ... todo mundo tinha muito cliente ... e fila, aquela coisa. então o que aconteceu? aqui em Minas Gerais... algumas ... pelo menos três ... pessoas assim que ... saíram de Belo Horizonte

... o Hélio Pellegrino ... o ... como é que ele chama o ... Negrão de Lima que foi pra ... São Paulo. Leão Cabernite ... Leão Cabernite ... era daqui ... foi pro Rio de Janeiro ... foram ... pra fazer formação lá e voltar ... só que ... o sujeito ... depois de oito, nove, dez anos de análise ... portanto ... já tendo que ter necessidade de fazer uma clínica como é que ele ia bancar ... essa formação sem ter uma clínica ... (psicanalista radicado em Minas Gerais).

Salim (2010) nos lembra que foi em 1944 a oficialização pela IPA da primeira sociedade psicanalítica do Brasil, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo [SBPSP]. Belo Horizonte, naquela época, contava com estrutura universitária considerada pelo autor como qualificada: faculdades de medicina, de farmácia, de odontologia, de engenharia, de arquitetura e de direito. O autor relata que nessa época o jornal Folha de Minas publicava artigos de psicanálise escritos por Leão Cabernite, que, à época, estudava medicina na Universidade Federal de Minas Gerais. Ainda, segundo o autor, Cabernite, no terceiro ano de medicina, estudava alemão com Karl Weismann, e, durante as aulas, eles discutiam psicanálise. Em 1957, Cabernite se transferiu para o Rio de Janeiro em definitivo. Na capital mineira, permaneceu José Pedro Salomão, analisando de Cabernite, como o único profissional que praticava a psicanálise com referencial IPA.

A instituição universitária foi se tornando relevante no percurso de abertura de uma instituição ipeísta em Minas Gerais. Nas palavras de Salim (2010):

Após minha formatura em dezembro de 1963, continuei na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FM/UFMG), na cadeira de Psiquiatria, como estagiário da mesma, sob a orientação do Dr. Hélio Durães Alkmim, que a havia assumido recentemente. O Dr. Helio Alkmim e, posteriormente, o Dr. Jairo Bernardes, trabalhavam com conceitos psicanalíticos, devido às suas formações psiquiátricas nos Estados Unidos, em clínicas de orientação psicanalítica (p. 260).

Nesse ínterim, o movimento dos psicanalistas ligados à filosofia de bases cristãs estava em pleno vigor, tendo discreta oposição dos representantes da IPA no Brasil:

No encontro com o Dr. Kemper, comento com ele o início de um movimento aqui, que se *denominava psicanalítico*, dirigido pelo *Padre* Malomar Edelweiss, vindo da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Eu e mais alguns colegas fomos convidados para nos analisar com ele. O Dr. Kemper disse-me que o conhecia. Estava ligado ao Círculo Vienense de Psicologia Profunda, criado por Igor Caruso. Conhecia alguns trabalhos desse autor e informou-me que os parâmetros de formação eram diferentes daqueles da IPA, mas não fez referências à formação profissional e à pessoa do *Padre* Malomar. Diante da informação, recusei o convite, talvez em vista da minha história pessoal, até aquele momento envolvida com colegas da IPA (Salim, 2010, p. 261, grifos nossos).

Essa discreta oposição, a nosso ver, alcançou seu ápice numa rusga entre Paulo Dias Corrêa, psicanalista radicado no Rio de Janeiro, com cargo na diretoria da

Associação Brasileira de Psicanálise [ABP], e Malomar, que palestrava na Associação Médica de Minas Gerais. Dias Corrêa havia realizado duas palestras na Faculdade de Medicina da UFMG, uma delas a convite de Salim.

Em outra ocasião, ele passava alguns dias de férias aqui, os quais coincidiram com a data na qual o *Padre* Malomar ia fazer uma palestra sobre Psicanálise na Associação Médica de Minas Gerais. Fez-se presente, como eu, e, após a palestra, houve um atritado debate entre os dois, no qual contestou, com a veemência que lhe era própria, afirmações conceituais e de formação psicanalítica ditas pelo Dr. Malomar (Salim, 2010, p. 261, grifos nossos).

Notemos que as referências do autor ao psicanalista Malomar frequentemente são precedidas da alusão ao seu trabalho sacerdotal. A alusão ao religioso nos parece uma forma de desqualificar a psicanálise praticada pela Escola de Psicologia Profunda. Essa oposição é explicitada por nosso entrevistado nos seguintes termos:

... Igor Caruzzo que ... na época queria fazer uma articulação entre a psicanálise e ... o existencialismo cristão ... entendeu? Essa era a ideia dele. Então tinha um livro ... chamava-se ... Análise Psíquica e Síntese Existencial ... então tá aí o Caruzzo era essa a orientação dele...de uma *psicanálise batizada* como o pessoal chamava (psicanalista radicado em Minas Gerais, grifo nosso).

Porém, ao narrar sua saga, numa perspectiva retroativa de algumas décadas, o psicanalista constata algo interessante: "(...) os colegas de Belo Horizonte demandavam uma formação psicanalítica e a escola de Psicologia Profunda satisfazia a essa necessidade. *A Psicanálise sempre teve algo de religioso*. Não havia o que questionar" (Salim, 2010, p. 262, grifo nosso).

Estaria ele se referindo ao caráter dogmático da formação nas instituições psicanalíticas? Em nossa leitura, tal caráter dogmático se manifesta no imperativo de fundar uma instituição ipeísta ignorando, inclusive, as condições institucionais e geopolíticas envolvidas no projeto. Como coordenador da disciplina de psiquiatria na Faculdade de Medicina, o psicanalista organizou eventos científicos com colegas considerados por ele relevantes no cenário brasileiro. Procurou o reitor da Universidade pleiteando a contratação de um didata. Em 1972, entusiasmou-se com um psicanalista chileno, radicado no Brasil por se opor ao governo de Salvador Allende. Novamente, pleiteou a contratação desse profissional pela Universidade e foi frustrado, porque ocorreu "o golpe militar no Chile pelo Coronel Pinochet, e o governo chileno empenhou-se em trazer de volta seus filhos profissionais para reerguerem o país. O patriotismo falou mais alto no coração do Dr. Davanzo..." (Salim, 2010, p. 264).

Em sentido inverso ao entusiasmo do psicanalista chileno pela ditadura de Pinochet, no Brasil, a postura de neutralidade do analista, a primazia formal do contrato e a assepsia político-moral do tratamento, adotadas pelas diversas instituições psicanalíticas, começaram a receber questionamentos (Coimbra, 1995;

Oliveira, 2006). Dessa maneira, a universalidade do método psicanalítico, expressão da dinâmica entre o consciente e o inconsciente, não poderia desconsiderar o contexto local de enunciação e a sua própria economia de poder e de autoridade no interior da transferência (Dunker & Kyrillos Neto, 2014).

Nesse contexto, os psicanalistas argentinos desempenharam um importante papel ao recriminarem a práxis psicanalítica preponderante no Brasil durante a ditadura militar. Esses psicanalistas criticavam a limitação da prática analítica aos consultórios privados, almejando alargar o campo assistencial da psicanálise. Em acréscimo ao ajuste clássico, introduziram diversas técnicas terapêuticas adjetivadas como psicanalíticas, quase todas caracterizadas por tendências grupalistas (Duarte et al. 2012). Assim, a ortodoxia presente na formação oferecida pelas sociedades oficiais tornava-se cada vez mais passível de contestação.

A chegada do lacanismo e a luta por hegemonia

Enquanto Salim enfrentava a burocracia da IPA para abrir um Grupo de Estudos em Belo Horizonte, o Círculo de Psicanálise de Minas Gerais [CPMG] expandia seu funcionamento e ampliava o número de sócios. Cumpre lembrarmos que somente em setembro de 2008, 15 anos depois de sua abertura, o Núcleo Psicanalítico de Belo Horizonte foi reconhecido pela IPA como Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais, podendo funcionar autonomamente (Salim, 2010). Nesse ínterim, o CPMG fez mudanças significativas em seu funcionamento. Em 1970, ocorreu uma mudança na relação com o Círculo de Viena, sinalizada com a alteração do nome, que passou a ser Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, que continuou filiado à *International Federation of Psychoanalytic Societies* [IFPS]. A então designada “nova personalidade do Círculo” foi marcada por uma “posição exclusivamente voltada a Freud” (CPMG, 2003).

Em 1975, ocorreu a fundação da primeira associação lacaniana brasileira, o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, fundado por Magno Dias Machado [M. D. Magno] e Betty Milan (Milan, 1994). Com o golpe militar na Argentina, em 1976, muitos psicanalistas migraram para o Brasil, ajudando a consolidar o movimento no país. Dessa forma, o lacanismo se espalhou com a reavaliação da crise enfrentada pela cultura brasileira. Ele também se relacionava a uma experiência institucional e associativa que buscava novas maneiras de estabelecer laços sociais. Nas palavras de Milan (1994): “O Brasil institucional, o Brasil dos golpistas, nos predispunha a aceitar o que chegasse do exterior e tivesse a marca do antiautoritarismo” (s.p.).

No início da década de 1990, em terras mineiras, o CPMG enfrentou um boicote, que resultou na saída de muitos associados. À época, Clóvis Bicalho, que presidia a entidade, viu sua posse ameaçada, pois quatro membros que estavam programados para ocupar diretorias em sua gestão estavam inscritos em um evento marcado por Jorge Forbes para os mesmos dia e horário na Associação Médica de Minas Gerais. Para Bicalho, o evento na Associação Médica foi “marcado proposital-

mente para que as pessoas se *definissem*” (CPMG, 2003, grifo nosso). Ele continua: “A sensação que me deu é que teríamos que passar aquilo tudo para o *grupo do Forbes*. Como manter o Círculo sem dar para os outros?” (grifo nosso). Estávamos, então, num momento de expansão do lacanismo no Brasil. Um dos precursores da psicanálise em Minas Gerais, que acompanhou de perto esse período, relata:

pois é ... muito difícil ... eu acho que basicamente como Freud falou que ele toda vida foi da oposição ... acabou que nossa situação. A situação de oposição assim ... é a gente sofre todo esse bombardeio ... da *universidade* e coisa ... o Círculo não vale nada, mas como nós criamos uma *universidade própria*, nós tínhamos um curso (psicanalista radicado em Minas Gerais, grifos nossos).

Com relação à nossa análise do fragmento discursivo “universidade própria”, chama-nos a atenção a afirmação de Certeau (2021), que compara o papel do escritor com o de uma travesti, *genitrix*. O escritor e historiador desistoriciza a tradição da qual pretende já não depender e a desfaz em uma multiplicidade de objetos vestígios e em ficção, como a de uma “universidade própria”. Nesses termos, a historicidade se desfaz em uma quebra da linha temporal, como podemos notar em uma narrativa da história do CPMG comemorativa dos 40 anos de sua fundação: a “universidade” proposta pelo Círculo, comemorada anos depois como uma estratégia de sobrevivência bem-sucedida, “que nos permitiu mudar, já que não tínhamos mestres” (CPMG, 2003). Essa mudança foi marcada pela expansão da produção científica do Círculo, com duas jornadas clínicas anuais e a implantação de uma clínica social: “psicanálise em extensão ou implicada, como eles falam” (CPMG, 2003, grifo nosso). Parece-nos que o Círculo incorporou em seu funcionamento o ensino lacaniano através da abertura institucional para a chegada de lacanianos não alinhados ao grupo francês de fundadores. Os depoimentos ressaltam a presença de diversos psicanalistas lacanianos que ensinaram na instituição: Antônio Quinet, Gérard Pommier, Contardo Calligaris, Charles Melman e Oscar Cesarotto.

Nosso entrevistado também tece comentários sobre a difusão do pensamento de Lacan em Belo Horizonte: “então aqui ... qué que aconteceu? como... praticamente em Belo Horizonte era um ... a UFMG ...e a PUC ... mais a UFMG ... então o foco foi todo de *tomada*” (psicanalista radicado em Minas Gerais, grifo nosso). É nítido, nos trechos discursivos expostos, a estratégia utilizada pelos lacanianos na busca por reconhecimento e valorização social. A preocupação em estarem presentes nas universidades e o desprestígio dirigido às instituições que não compartilhavam da mesma vertente teórica na psicanálise revelam o poder simbólico conferido àqueles que possuem um reconhecimento significativo para competir pela hegemonia dentro desse campo (Bourdieu, 2021). Soma-se a esses fatos a dificuldade de acesso aos textos lacanianos, exclusividade daqueles que se “definiram” pelo grupo francês: “apostilas para que você ... tivesse acesso a isso ... você era do grupo ou você estava fora ... você tá entendendo? ... é ou você tinha que ... *adotar* uma certa militância ... e é militância mesmo ... pessoal” (psicanalista

radicado em Minas Gerais, grifo nosso).

Interessante notarmos que esse quadro se altera sensivelmente a partir dos anos 2000. Ao invés dos pioneiros e seus grupos de referência, que tinham acesso quase exclusivo aos textos lacanianos, vemos aflorar um aumento significativo de alunos e interessados na atividade psicanalítica, que se faz notar pela reconfiguração e expansão das instituições de formação. Em Minas Gerais, predominantemente nos municípios de médio e grande portes das regiões mais desenvolvidas do estado, podemos notar a presença de escolas psicanalíticas rivais. Tal configuração tem efeitos nas relações de grupos, exigindo novas formas de identificação teórica, genealógica e institucional.

Mapeamento das instituições de formação e suas fronteiras de tensão

O mapeamento⁴ das instituições formadoras de psicanálise de Minas Gerais apresenta a sua distribuição em cinco regiões principais do estado: Zona da Mata, Sul de Minas, Triângulo Mineiro, Norte de Minas e Capital. Essa organização evidencia a presença da psicanálise tanto em grandes cidades quanto em cidades do interior, indicando certa circulação do saber psicanalítico no estado. Tal fenômeno reflete um esforço de expansão e descentralização da psicanálise ao mesmo tempo em que coloca em evidência os desafios teóricos e práticos inerentes à transmissão e à formação psicanalítica nesses diversos contextos regionais.

Essa sistematização foi realizada por meio da coleta de dados disponíveis publicamente em *sites* e outros meios de divulgação digital tanto das instituições de formação em psicanálise em Minas Gerais quanto das universidades que possuem projetos ou iniciativas envolvendo o campo psicanalítico, de modo esporádico ou contínuo, havendo parcerias com instituições de formação ou organizadas autonomamente. Trabalharemos, em outro momento, as especificidades dessas relações, sobretudo de programas de pós-graduação com as escolas e grupos psicanalíticos. Os dados a seguir oferecem, neste momento, uma sistematização da distribuição geográfica dos resultados de nossa coleta e indicam o nível de vascularização da psicanálise no estado.

Na Zona da Mata, a cidade de Juiz de Fora se destaca como um polo importante, com quatro escolas listadas: Fórum do Campo Lacaniano de Juiz de Fora, Ato Freudiano – Escola de Psicanálise de Juiz de Fora, Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos e Círculo de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora. Essa concentração

⁴ Enquanto redigimos este manuscrito, por ocasião da organização do XIII Fórum Mineiro de Psicanálise, evento que congrega diversas escolas de formação de psicanalistas, tomamos conhecimento das seguintes instituições: em Belo Horizonte, a Ato – Escola de Psicanálise, a Escola Freudiana de Belo Horizonte [iepsi], o Instituto Internacional de Psicanálise [IIPSI], a clínica Mater-Psi e a Traço: Clínica e Transmissão em Psicanálise; em Sete Lagoas, a Casa Psi: Clínica, Estudos e Supervisão; em Itaúna, o Grupo de Estudos em Psicanálise [GEP]; em Varginha, o Interfaces - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise; e em Muriaé, o Travessia – Núcleo de Estudos em Psicanálise. Portanto, na condição de um trabalho de caráter histórico, estamos sujeitos às contingências do tempo presente nos levantamentos então efetuados.

sugere a coexistência de abordagens lacanianas e freudianas na cidade.

A instituição mais antiga dentre as destacadas é a Escola Ato Freudiano de Juiz de Fora. Foi fundada em 1993 com a questão central: “O que pode um analista em Juiz de Fora?” (Ato Freudiano, 2024). De acordo com as informações recolhidas no *site* da instituição, esse projeto visa constituir uma comunidade de analistas comprometidos com a causa analítica e preparados para sustentar a coerência das teses que regulamentam o seu trabalho. A formação na Escola é contínua e se dá por meio de seminários de leitura dos textos de Freud e Lacan, interlocuções com saberes afins e outras Escolas de Psicanálise, além de atividades abertas. A transmissão da psicanálise é sustentada pelos dispositivos propostos por Lacan: o cartel e o passe (Ato Freudiano).

O Fórum do Campo Lacaniano de Juiz de Fora [FCL-JF], por sua vez, é uma instituição que se insere no movimento da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]. Inspirando-se nos desenvolvimentos que Jacques Lacan laborou em seu seminário “O avesso da psicanálise”. Esses Fóruns extraem seu nome e propósito dessa referência teórica. O *site* menciona que o principal objetivo é assegurar a presença e a continuidade dos desafios inerentes ao discurso analítico nas configurações contemporâneas. No sítio eletrônico, encontramos ainda uma informação de que, embora os Fóruns do Campo Lacaniano [FCL] não sejam Escolas e não concedam garantias analíticas, eles se orientam em relação à Escola, que se dedica à preservação e ao desenvolvimento do discurso analítico.

No documento eletrônico disponibilizado no *site* oficial do Campo Lacaniano no Brasil, encontramos informações acerca da seção de Juiz de Fora. O FCL-JF foi formalizado em julho de 2014, consolidando um percurso iniciado há mais de uma década junto ao Campo Lacaniano na cidade. Ele tem como objetivo central “participar da política do Campo Lacaniano de manter uma crítica aos desvios da Psicanálise, além de assegurar o lugar da Psicanálise na contemporaneidade e a articulação com outros saberes afins” (FCL-JF, 2023, n.d., grifo nosso). A “missão” do FCL-JF não se restringe à formação de psicanalistas, uma vez que esse processo é considerado permanente e efeito da análise pessoal, da elaboração teórica e da supervisão clínica. Em vez disso, o Fórum propõe um espaço crítico e dialógico para a psicanálise, enfatizando sua interação com outros discursos e campos do saber.

A partir dessa localização, o documento apresenta informações sobre a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [EPFCL]. Segundo ele, a EPFCL foi fundada em 2001 como resultado de um amplo debate sobre a transmissão da psicanálise e a formação do psicanalista (FCL-JF, 2023). A Escola enfatiza a transmissão da psicanálise sem buscar uma definição “fechada” do que é um psicanalista, sustentando um espaço de interrogação e permanente questionamento sobre a própria prática.

O Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora [EBEP-JF] foi fundado em setembro de 1996 como Sociedade de Estudos Psicanalíticos de Juiz

de Fora, com o objetivo de promover o diálogo entre a psicanálise e outros saberes, refletindo sobre os “desafios clínicos impostos pelo discurso pós-moderno que tende à dessubjetivação” (EBEP-JF, 2021). Em maio de 2008, o EBEP-JF integrou-se à Rede do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, composta por unidades no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Aracaju e Belo Horizonte, caracterizada por uma estrutura horizontal que privilegia a troca entre pares e a produção psicanalítica coletiva (EBEP-JF, 2021).

De acordo com as informações encontradas no *site* do EBEP – Rio de Janeiro, a instituição não se apresenta como um espaço formal de formação em psicanálise, mas sim como um ambiente que privilegia a “liberdade” e a “responsabilidade” no percurso de cada analista. A horizontalidade nas relações institucionais é um princípio fundamental dos EBEPs, diferenciando-se de “modelos tradicionais de transmissão da psicanálise” que se baseiam em “hierarquias rígidas” e mecanismos de poder. Portanto, o compromisso com a ética da psicanálise e a sustentação da diversidade de pensamento são aspectos essenciais de sua proposta (EBEP-Rio, n.d.).

Uma instituição mais recente em Juiz de Fora é o Círculo de Estudos Psicanalíticos. Fundada em 2024, a organização tem o objetivo de promover a transmissão da psicanálise em diferentes contextos, mantendo o “rigor da episteme metapsicológica”. A instituição atua em três eixos principais: cursos de longa duração voltados para a formação em teoria e técnica psicanalíticas, grupos de estudo abertos à comunidade e a produção acadêmica gerada por grupos de pesquisa (Círculo de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora, n.d.). O embasamento teórico do Círculo busca integrar conhecimentos de diversas áreas, contribuindo para a ampliação e o aprofundamento do estudo psicanalítico. Além disso, a instituição promove o contato entre psicanalistas com trajetórias formativas distintas, favorecendo o desenvolvimento contínuo da psicanálise em Juiz de Fora e além.

Quanto ao Sul de Minas, recolhemos informações em três cidades. Em Poços de Caldas, pudemos identificar o NEPE – Lugar de Psicanálise. Tanto em Varginha quanto em Lavras, atua o Laço Analítico Escola de Psicanálise [LAEP], com subsede em Varginha e núcleo em Lavras, e o Centro de Estudos de Terapias e Psicanálise [CETEP], com polo em Varginha.

O Núcleo de Estudos em Psicanálise e Educação [NEPE], fundado em 16 de março de 2006 em Poços de Caldas, dedica-se ao estudo e à prática da psicanálise com ênfase lacaniana. No *site* da organização, encontramos a apresentação do programa de formação estruturado em três módulos anuais consecutivos. Além das atividades acadêmicas, o NEPE mantém uma clínica que oferece atendimento psicanalítico acessível com práticas supervisionadas em diferentes modalidades: acolhimento, observação de crianças e acompanhamento terapêutico. O Núcleo também promove eventos para discutir temas relevantes nas áreas de educação, saúde, prevenção e tratamento sempre sob a perspectiva da psicanálise lacaniana (NEPE, s.d.).

Ainda no Sul de Minas, encontramos o Laço Analítico Escola de Psicanálise [LAEP], com subsede em Varginha e núcleo em Lavras. De acordo com o *site*, o LAEP é uma instituição dedicada à formação e transmissão da psicanálise, operando em múltiplas cidades brasileiras por meio de suas subsedes. Fundado em junho de 2000, possui subsedes no Rio de Janeiro (RJ), Varginha (MG), Cuiabá (MT) e Florianópolis (SC), além de núcleos em Manaus (AM), Lavras (MG), Cacoal (RO), Rondonópolis (MT) e São Paulo (SP). Não por acaso, a instituição adota uma “geografia transferencial”, estabelecendo-se em diferentes localidades conforme os laços transferenciais e o desejo pela transmissão da psicanálise, em vez de uma expansão meramente estratégica. Segundo o *site*, “o LAÇO ANALÍTICO não se funda na lógica da *mera expansão*, esta que acredita poder sustentar a psicanálise no Mundo por movimentos de conquista política exteriores, portanto, à lógica do discurso psicanalítico” (Laço Analítico Escola de Psicanálise, s.d., grifo nosso).

Além disso, o LAEP organiza diversas atividades para promover a formação contínua de psicanalistas e a disseminação do saber psicanalítico. Entre essas atividades, estão seminários, grupos de leitura, reuniões clínicas e jornadas intersedes, que ocorrem anualmente em diferentes cidades onde há subsedes.

Também na cidade de Varginha, encontramos um polo do Centro de Estudos de Terapias e Psicanálise [CETEP]. Segundo o *site*, a instituição pretende transmitir o ensino e prática da psicanálise e outras terapias. Fundada em 2014 e com sede em Campinas (SP), a instituição se reconhece como “a maior escola de psicanálise do país com 5.000 alunos ativos por todo o Brasil”, além de possuir “40 polos estrategicamente localizados” (CETEP, n.d., grifo nosso). A proposta pedagógica da instituição combina ensino a distância e um formato semipresencial, destacando-se pela atualização dos conhecimentos teóricos e pela preparação dos alunos para os desafios da prática clínica contemporânea.

Na região do Triângulo Mineiro, Uberlândia concentra quatro instituições: o Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana [IBPW] – Triângulo Mineiro, o Núcleo Psicanalítico de Uberlândia [NPU], o Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia e o Instituto Távola. Em Uberaba, destacamos o Grupos de Estudos de Psicanálise de Uberaba [GPU-Uberaba].

Aqui, temos um dado importante a ser destacado na geografia do campo psicanalítico mineiro. Como aponta a descrição disponível no sítio eletrônico da IBPW, fundada na década de 1990 a partir da UNICAMP e da PUC-SP, a instituição, dentre seus objetivos, visa “ao desenvolvimento e à difusão de estudos winnicottianos em todas as áreas da vida social e cultural, bem como à criação de instituições que promovam estes objetivos”. Tal iniciativa, centrada na abordagem psicanalítica proposta por Donald Winnicott, aparece no mapa do campo psicanalítico de Minas Gerais como um ponto fora da curva tanto por sua especificidade teórica quanto por seu estatuto institucional desvinculado das tradições historicamente constituídas a nível nacional ou mundial. Na verdade, sua expansão nas três últimas décadas

alcançou amplitude internacional, com filiais em diversos países, tornando-se uma instância no plano da formação psicanalítica com alcance geográfico semelhante às escolas historicamente estabelecidas, como a IPA ou a AMP. Ela mesma, agora, se constitui em nível mundial como International Winnicott Association [IWA]. Podemos observar, ainda, a relação da fundação da instituição com o campo universitário de um estado vizinho – UNICAMP e PUC-SP, mencionados na descrição.

No Norte de Minas, pudemos recolher informações sobre uma iniciativa ligada à formação em psicanálise, o Núcleo de Investigação em Psicanálise e Saúde Mental de Montes Claros, com vínculo direto com o Instituto de Psicanálise e Saúde Mental [Seção Clínica/IPSM], por sua vez ligado à Escola Brasileira de Psicanálise [EBP], sediados em Belo Horizonte. Interessante notarmos uma relação entre centro e periferia assim como em outras cidades do interior mineiro, na qual a cidade do norte do estado acaba por se tornar um satélite da escola presente na capital, que efetiva, assim, a sua presença no interior. Tal iniciativa se configura de modo intrínseco às instituições de ensino superior da cidade, com psicanalistas atuantes na Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). A parceria entre EBP e Unimontes chega a ser celebrada com a realização de um Colóquio “voltado para a comunidade acadêmica, docentes e profissionais na discussão e no intercâmbio de experiências na prática clínica e na elaboração/aplicação de políticas públicas” (Unimontes, 2020), realizado presencialmente no auditório das Faculdades Integradas Pitágoras [FIP-MOC] e contando com o apoio de importantes instituições como o Conselho Federal de Psicologia [CFP] e o Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais [CRP-MG].

Na região da capital, Belo Horizonte se destaca como importante polo do funcionamento de algumas instituições de formação em psicanálise. A Aleph Psicanálise e Transmissão, por exemplo, foi fundada em 1993, inspirando-se na teoria dos números transfinitos de Georg Cantor. Em 1995, sua *Carta de Princípios* já destacava a transmissão da psicanálise como eixo central de sua proposta institucional. A transição para a Aleph – Escola de Psicanálise ocorreu em 2001, consolidando-se formalmente em 2004 com a aprovação do estatuto que estabeleceu a transmissão como princípio estruturante da Escola e o desejo do psicanalista como seu fundamento ético. Inspirando-se na concepção lacaniana da relação entre comunidade analítica e prática clínica, a Escola enfatiza os dispositivos como exercícios do desejo, reafirmando a orientação formulada por Lacan em 1980: “não espero nada das pessoas, apenas alguma coisa do funcionamento” (Lacan, 1980 como citado por Aleph – Escola de Psicanálise, n.d., p.X).

Ainda em Belo Horizonte, a Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas é uma instituição influente no cenário da formação psicanalítica. Ela integra a EBP, fundada em 1995 e filiada à AMP, alinhando-se à orientação lacaniana do Campo Freudiano. Reconhecida como Instituição de Utilidade Pública, a EBP-MG tem como principal objetivo a sustentação do ensino e da prática psicanalítica, promovendo a

formação permanente de seus membros e fomentando o debate sobre os desafios da contemporaneidade. A EBP-MG promove, anualmente, a Jornada de Cartéis e a Jornada da EBP-MG, além de estender sua atuação aos Encontros Brasileiros do Campo Freudiano, à FAPOL e aos Congressos da AMP. Em Minas Gerais, destaca-se a parceria com o IPSM-MG, com o qual compartilha sede e compromisso na transmissão da psicanálise lacaniana.

Também com sede na capital, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais é desdobramento da “saga” descrita por Salim (2010) para a institucionalização da IPA em Minas Gerais. Foi fundada em 1993, sob coordenação de Salim, como Núcleo Psicanalítico de Belo Horizonte, originalmente vinculado à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Em 2008, passou à condição de Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais, conquistando autonomia em relação à sede carioca. Somente em 2015, após o 49º Congresso da IPA, realizado em Boston, ganhou o título de *Provisional Society*, passando a se chamar Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais [SBPMG]. Conforme consta em seu website, é “a *única instituição* em Minas Gerais a oferecer formação psicanalítica *nos padrões exigidos pela IPA*” (SBPMG, s/d., grifos nossos). Nas publicações de seus integrantes, notamos marcante influência da psicanálise inglesa.

Fundado em 1963 por Malomar Lund Edelweiss, sob influência de Igor Caruso e do Círculo Brasileiro de Psicologia Profunda, o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais também se localiza em Belo Horizonte. Segundo Santos & Kyrillos Neto (2014), seu surgimento esteve relacionado à “resistência de uma parte dos psicanalistas a seguir os preceitos da IPA” e à “aproximação com a concepção de homem do existencialismo, mais palatável para as ideias religiosas presentes no catolicismo marcante desse Estado” (p. 157). O Círculo foi a principal instituição de formação psicanalítica do estado até os anos 1990, quando se oficializaram as instituições ligadas à IPA e à AMP. Além de oferecer formação em psicanálise, o CPMG possui uma clínica desde 1995, realiza congressos e jornadas e mantém algumas publicações, como a Revista Reverso.

O Fórum do Campo Lacaniano também está presente em Belo Horizonte, tendo sido fundado em 1998 na capital. Conforme consta em sua “Carta de Princípios”, foi criado “em oposição ao *mau uso do Um na Psicanálise* visando uma alternativa institucional orientada pelos ensinamentos de Sigmund Freud e Jacques Lacan” (Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte [FCLBH], s.d., grifo nosso).

Na região central do estado, ainda apontamos o funcionamento das seguintes instituições em Divinópolis: Escola de Psicanálise de Minas Gerais e Parlêtre – Espaço de Pesquisa, Psicanálise e Transmissão. Sobre a primeira, encontramos poucas informações em sua página no *Facebook*. Seu objetivo central é ocupar um “lugar ativo e significativo dentro do movimento psicanalítico, promovendo a transmissão viva do conhecimento”, por meio da articulação entre teoria e prática clínica. A Escola realiza eventos públicos, grupos de estudo, parcerias institucionais

e espaços de discussão que fomentam o contato e o intercâmbio entre profissionais da Psicanálise e da Psicologia. A Parlêtre, por sua vez, ativa desde 2005, é uma “associação de profissionais que tem como objetivo estudar e transmitir a psicanálise” (Parlêtre, s.d.). A instituição oferece jornadas, grupos de leituras horizontais e parcerias com outras instituições da região.

Por fim, em Oliveira, destaca-se o Litoral Psicanalítico: Pesquisa e Transmissão. Ativo desde 2016, esse grupo é registrado em sua página do *Facebook* na categoria “causa”. Ainda que não oficialmente filiada, a página da instituição registra que ela se encontra “em consonância” com a AMP e pretende “promover a psicanálise em conformidade com a orientação dada por Jacques Lacan ao campo aberto por Freud”. Além disso, o grupo se reúne a partir da “causa psicanalítica”, tendo como ponto de “miragem a pesquisa e transmissão”, por meio de conferências presenciais e virtuais e seminários de leituras.

O mapeamento preliminar das instituições de formação em psicanálise em Minas Gerais revela uma distribuição geográfica ampla. A relação com as universidades e instituições, que exploraremos a seguir, revela algumas informações importantes em nível de contextualização. Nas cidades com maior expressão populacional e que possuem programas de pós-graduação em psicologia estabelecidos, há maior presença tanto de grupos de pesquisa e projetos de estudo direcionados especificamente ao campo psicanalítico como de instituições de formação que participam de organizações em nível nacional ou mundial. As relações entre as instituições de formação em psicanálise e as universidades brasileiras, no entanto, são bastante diversificadas. Consideramos relevante destacarmos como a capilarização das iniciativas mencionadas anteriormente, pela extensão do interior de Minas Gerais, se relacionam em certo nível à difusão de instituições de ensino superior.

Desse modo, propusemos um primeiro trabalho também de mapeamento descritivo das universidades e instituições de ensino que possuem projetos vinculados à pesquisa, formação ou prática psicanalítica. Não sendo nosso objetivo expressar um padrão que se mostre geral o suficiente para abarcar as diferentes modalidades de conexões, nosso intuito aqui é esboçar um terreno no qual as relações do ecossistema do campo psicanalítico ganham um certo relevo que as tornem passíveis de serem pesquisadas, seja em seus aspectos gerais ou particulares, entre os agentes de ensino superior.

Em Belo Horizonte, destacam-se a PUC Minas e a Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], ambas com programas de pós-graduação e grupos de pesquisa que podem se relacionar com as escolas de psicanálise da capital. Em Divinópolis, a Universidade do Estado de Minas Gerais [UEMG] é uma instituição de ensino superior relevante no que se refere a projetos de estudo em psicanálise. Por fim, em Ouro Preto, a Universidade Federal de Ouro Preto [UFOP] completa o panorama das universidades que participam, de diferentes formas, do campo de formação, pesquisa e prática em psicanálise.

Excetuadas as instituições universitárias anteriormente mencionadas, destacam-se as seguintes instituições que mantêm relações com as escolas de psicanálise: na região da Zona da Mata e Campo das Vertentes: Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF] e Universidade Federal de São João del-Rei [UFSJ] Triângulo Mineiro: Universidade Federal do Triângulo Mineiro [UFTM]; Sul de Minas: Campus Poços de Caldas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais [PUC Minas].

Considerações finais

Chegando ao fim de um percurso relativamente longo de mapeamento descritivo das instituições psicanalíticas no território mineiro, tensionado com a história de implantação da psicanálise no estado, saltam aos olhos algumas dimensões que dão um sentido geral, mesmo que ainda provisório, para a diversidade em questão.

Para começar, chama a atenção a tendência expansionista – já presente na história do internacionalismo das associações psicanalíticas, na qual dois exemplos se destacam: a *International Psychoanalytical Association* (IPA) e a Associação Mundial de Psicanálise (AMP) –, que se aprofunda de modo bastante peculiar em Minas Gerais. As relações entre centro europeu e periferia latino-americana, em nível global, reaparecem localmente entre as diferentes cidades e regiões do estado, entre a capital e o interior. Aliás, nesse sentido, o número realmente impressionante de siglas encontradas e relatadas neste manuscrito atesta a tese de Jane Russo (2006) e Christian Dunker (2015) de que a história da psicanálise no Brasil expressa a nossa fé institucionalista.

É interessante percebermos que o sentido propriamente político do ato de se reunir e se organizar sob um dispositivo coletivo se explicita na própria autodescrição dada pelas diferentes escolas, fóruns, associações e sociedades psicanalíticas aqui perscrutadas. Na maioria dos casos, senão em todos, aparece nos sítios eletrônicos institucionais uma manifesta preocupação não apenas com o rigor teórico, mas também com a liberdade no percurso formativo e com o aspecto democrático dos vínculos ali firmados.

Esse ponto, aliás, se conecta com um fato curioso observado no material de apresentação de algumas escolas de vertente lacaniana, nas quais fica subentendido, na proposta de “vínculo alternativo”, o que chamamos de “fronteiras de tensão internas” ao lacanismo, sobretudo no que concerne à interpretação hegemônica da obra lacaniana e à sua legitimidade formativa. O saber historiográfico nos permite notar como o passado irrompe sub-repticiamente no presente. Tal como um uma formação do inconsciente, com o saber atinente ao retorno do recaiado, esse processo, ao mesmo tempo que vela, revela fragmentos de um passado em questão, nesse caso a cisão de 1998⁵.

Aqui nos remetemos à noção mobilizada no trabalho etnográfico de Gabriel

⁵ Para melhores detalhes, remetemos o leitor ao manuscrito Kyrillos Neto (2023).

Feltran (2008) com o sentido dado pelo próprio autor, enquanto forma de mediação densamente política. Nos seus termos:

A categoria fronteira é mobilizada por preservar o sentido de divisão, de demarcação, e por ser também, e sobretudo, uma norma de *regulação* dos fluxos que atravessam, e, portanto, conectam aquilo que se divide. Fronteiras se estabelecem justamente para regular os canais de contato existentes *entre* grupos sociais, separados por elas, mas que obrigatoriamente se relacionam. Onde há fronteira, há comunicação; de um tipo desigual e controlada. Se há fronteira, é justamente para controlar a comunicação entre as partes. Olhar para as conexões, portanto, exige desnaturalizar o 'dever ser' do todo social, bem como de sua divisão constitutiva. [...] Onde há fronteira, além do mais, há conflito. Ainda que latente (Feltran, 2008, p. 27).

E já que estamos falando de relações de vizinhança, mais ou menos amistosas, entre instituições, é possível deduzir de nosso estudo algum grau de continuidade histórica entre a chegada da psicanálise em Minas Gerais (Salim, 2010) e a situação atual, em que a universidade segue se configurando como um palco estratégico de disputas para a difusão da psicanálise a partir da relação com as suas instituições formadoras.

Por fim, mas não menos importante, acreditamos que o presente artigo demonstra, empiricamente, a relação real existente entre psicanálise e política, por assim dizer, nos bastidores das conhecidas formulações teóricas. Talvez, seja mesmo o caso de dizer que as associações políticas aqui descritas, cuja história remonta aos primórdios da psicanálise e dos agrupamentos entre psicanalistas não apenas no Brasil, são bons exemplos do que constitui a base material das ideias metapsicológicas sobre grupo. Jacques Lacan já havia sutilmente sugerido algo semelhante em contexto similar ao nosso, em seu famoso escrito sobre a *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*:

Para nosso propósito, devemos partir da observação, ao que saibamos nunca feita, de que Freud pôs a AIP [*International Psychoanalytical Association*] em seu rumo dez anos antes que, na *Psicologia das massas e análise do eu*, se interessasse, a propósito da Igreja e do Exército, pelos mecanismos mediante os quais um grupo orgânico participa da multidão, investigação essa cuja evidente parcialidade justifica-se pela descoberta fundamental da identificação do *eu* de cada indivíduo com uma mesma imagem ideal, cuja miragem é sustentada pela imagem do líder (Lacan, 1956/1998, p. 478, grifos do autor).

Que figuras, como Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, vejam, na psicologia freudiana das massas, que uma teoria sobre a própria lógica sociolibidinal da política interior ao conceito gramsciano de hegemonia (Laclau & Mouffe, 1987; Laclau, 2012) parece dar mais consistência para a interpretação presente em nosso trabalho. Fica em aberto, para pesquisas futuras, o trabalho mais analítico – que não foi o nosso foco aqui – de investigar a fundo, entre outras coisas, a medida exata da combinação entre consenso e coerção presente na luta hegemônica que descobrei-

mos dar forma à história de instauração e consolidação da psicanálise no estado de Minas Gerais.

Referências

- Aleph. (n.d.). *Histórico*. <https://aleph.psc.br/historico/>
- Ato Freudiano. (2024). *Quem somos*. <https://atofreudiano.com.br/quem-somos/>
- Bourdieu, P. (2021). *O poder simbólico*. Edições 70.
- Centro de Estudos de Terapias e Psicanálise. (n.d.). <https://ceteppsicanalise.com/>
- Certeau, M. (2020). *História e psicanálise: entre a ciência e a ficção*. Autêntica.
- Certeau, M. (2021). *O lugar do outro. História religiosa e mística*. Editora Vozes.
- Círculo de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora. (n.d.). *Quem somos*. <https://www.circulojf.com.br/>
- Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. (2003). 40 anos do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. [CD].
- Coimbra, C. (1995). *Guardiões da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "milagre"*. Oficina do Autor.
- Duarte, M. G. S., Fernandes, P. J., & Rodrigues, H. B. C. (2012). Os "psicanalistas argentinos" no Rio de Janeiro: problematizando uma denominação. In A. M. Jacó-Vilela., A. C. Cerezzo., & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil [online]*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Dunker, C. (2013). *A psicose na criança. Tempo, linguagem e sujeito*. Zagodoni.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Boitempo.
- Dunker, C. I. L., & Kyrillos Neto, F. (2014). Conflito entre psicanalistas e impasses fálicos da brasilidade. *Stylus* (Rio de Janeiro), (29), 67-84.
- Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora. (2021). *Quem somos*. <https://www.ebepjf.com.br/quem-somos>
- Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos do Rio de Janeiro. (n.d.). *Sobre o EBEPS*. <https://ebep.org.br/sobre-o-ebep-rio-de-janeiro/>

- Feltran, G. de S. (2008). *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas] Repositório Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/423784>
- Fórum do Campo Lacaniano. (2024). *Apresentação*. <https://www.campolacanio.com.br/apresentacao/>
- Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte. (s.d.). *O Fórum*. <https://forumdo-campolacanianobh.com.br/o-forum>
- Fórum do Campo Lacaniano de Juiz de Fora. (2023). *Caderno de atividades – Semestre 1*. <https://www.campolacanio.com.br>
- Ginzburg, C. (2007). *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Companhia das Letras.
- Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana. (s.d.). <https://ibpw.org.br/>
- Kyrillos Neto, F. (2023). Do Congresso Psicanalítico da Banana à cisão de 1998: deslocamentos traumáticos no lacanismo brasileiro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 26, e220953.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 238-324). Jorge Zahar. (Original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998). A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 402-437). Jorge Zahar. (Original publicado em 1955)
- Lacan, J. (1998). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 461-495). Zahar. (Original publicado em 1956)
- Laço Analítico Escola de Psicanálise. (s.d.). Escola. <https://www.lacoanalitico.com.br/escola>
- Laclau, E. (2012). *La razón populista*. Fondo de Cultura Económica.
- Laclau, E. & Mouffe, C. (1987). *Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Siglo XXI.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2004). *Vocabulário de psicanálise*. Martins Fontes (Original publicado em 1967).
- Le Goff, J. (1994). *História e Memória*. Editora da Unicamp.
- Litoral Psicanalítico: Pesquisa e Transmissão. (s.d.). https://www.facebook.com/litoralpsicanalitico/?locale=pt_BR

- Mayer, A. (2021). Escrever a história da Psicanálise. *Eleuthería – Revista do Mestrado Profissional em Filosofia da UFMS*, 6(esp.), 352-374. <https://periodicos.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/14593>
- Milan, B. (1994). Difusão da psicanálise lacaniana no Brasil. <https://www.bettymilan.com.br/difusao-da-psicanalise-lacaniana-no-brasil/>
- Núcleo de Estudos em Psicanálise e Educação. (s.d.). Sobre. <https://nucleodepsicanalise.wixsite.com/nepe/sobre>
- Oliveira, C. L. M. V. (2006). *História da psicanálise. São Paulo (1920-1969)*. Editora Escuta.
- Parlêtre – Espaço de Pesquisa, Psicanálise e Transmissão (s.d.). <https://www.instagram.com/parletrepsicanalise/>
- Russo, J. A. (2006). O movimento psicanalítico brasileiro. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.). *História da psicologia: rumos e percursos* (pp. 413-424). Nau Ed.
- Salim, S. A. (2010). As origens da Psicanálise em Belo Horizonte e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Belo Horizonte filiado à Associação Internacional de Psicanálise: a saga de um ideal. *Mental*, 8(15), 187-188.
- Santos, R. A. N. (2016). A história da psicanálise em Minas Gerais: dos primeiros tempos à institucionalização (1925-1963). Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei.
- Santos, R. A. N. (2017). Horizontes psicanalíticos em debate: notas sobre a história da psicanálise em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(4), 201-215. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000400013&lng=pt&tlng=pt
- Santos, R. A. N. & Kyrillos Neto, F. (2014). Contribuições para uma historiografia da psicanálise em Minas Gerais. *Analytica*, 3(4), 145-172. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972014000100008
- Santos, R. A. N. & Kyrillos Neto, F. (2017). Os primeiros tempos da psicanálise em Minas Gerais: a difusão das ideias freudianas na década de 1920. (2017). *Memorandum: Memória E História Em Psicologia*, 31, 80-106. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6430>
- Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais. (s.d.). Quem somos. <https://sbpmg.org.br/quem-somos/>
- Unimontes. (2020). UNIMONTES é parceira da Escola Brasileira de Psicanálise na realização de Colóquio inédito no Norte de Minas. <https://unimontes.br/unimontes-e-parceira-da-escola-brasileira-de-psicanalise-na->

[realizacao-de-coloquio-inedito-no-norte-de-minas/](#)

Nota sobre os(as) autores(as)

Fuad Kyrillos Neto é Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP) com pós doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGPSI/UFSJ). Pesquisador vinculado ao Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP). E-mail: fuadneto@ufsj.edu.br

Laura Resende Moreira é Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGPSI/UFSJ). Pesquisadora vinculada ao Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP). E-mail: laurawresende@gmail.com

Rodolfo Rodrigues Machado é Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGPSI/UFSJ). Pesquisador vinculado ao Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP). E-mail: r.rodrigues.mg@gmail.com

Thales Fonseca é Mestre e doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGSI/UFSJ). Pesquisador vinculado ao Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP). E-mail: thalesalberto94@gmail.com

Igor Cerri é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (PPGPSI/UFSJ). Técnico-administrativo em Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. Pesquisador vinculado ao Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP). E-mail: cerri94@gmail.com

Amanda Rangel é graduanda em psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq. Membro do Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP). E-mail: amandarangel@outlook.com

Data de submissão: 03.04.2025

Data de aceite: 22.06.2025